

PERDA E LUTO NA INFÂNCIA: O DESVÍNCULO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA FORMAÇÃO DO PSIQUISMO

LOSS AND GRIEF IN CHILDHOOD: THE BREAKING OF TIES AND ITS CONSEQUENCES ON THE PSYCHE

¹FERREIRA, J. B. A.; ²SILVA, S. A.; ³OLIVEIRA, P. A.; ⁴CARVALHO, E. L. L.
^{1,2,3e4}Curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

RESUMO

A presente pesquisa teve como intuito investigar, através de um estudo bibliográfico, o conceito de morte para a criança, a comunicação a respeito do fato e a elaboração do luto na infância. A criança, ao mesmo tempo em que é poupada de participar de velórios e enterros a mídia fornece diariamente notícias sobre a morte ou acesso a determinados programas de televisão no qual a morte e a violência são acontecimentos banais. A perda de um vínculo afetivo é um fato angustiante e que causa muito sofrimento. Essa perda, como finitude da vida é um processo que precisa ser elaborado por meio do luto, que é uma forma de reorganização, de adaptação depois da perda. O trabalho de luto é um processo complexo, que envolve muitos sentimentos e é este quem possibilita que o apego com o ente querido seja desfeito. Em função disto, constata-se que é imprescindível a comunicação do fato à criança que deve ser feito de maneira clara, porém precisa-se respeitar o nível de maturação da criança bem como seu nível de compreensão.

Palavras-chave: Morte; Luto; Infância; Psicologia.

ABSTRACT

This study was aimed to investigate, through a bibliographic study, the concept of death for children, the communication about the fact and the elaboration of mourning in childhood. The child at the same time that is saved to attend wakes and funerals, the media provides daily news of the death or has access to certain television programs in which death and violence are commonplace events. The loss of a close bond is a fact that causes much anguish and suffering. This loss, as the finitude of life is a process that needs to be developed through the mourning, which is a form of reorganization to adapt after the loss. The work of mourning is a complex process that involves many feelings and who is this allows the attachment to the loved one is broken. Because of this, it appears that it is essential to communicate the fact that the child should be made clearly, but one must respect the child's maturity level and their level of understanding.

Keywords: Death, mourning, Childhood; Psychology.

INTRODUÇÃO

A morte é um aspecto presente na vida de todos os indivíduos, inclusive das crianças, porém não é algo com que se consiga lidar com naturalidade, pois falar sobre morte é de certo modo desconfortante.

Perdas são vivenciadas por toda a vida, seja na mudança de escola, de bairro, nos relacionamentos afetivos, mas são perdas reversíveis e temporárias, porém a morte de um ente querido, por ser uma perda definitiva, é de difícil aceitação e causa sofrimento.

O luto é o período subsequente à perda, cujo objetivo é a adaptação, é o indivíduo adaptar-se emocionalmente a essa perda. Segundo Franco e Mazorra (2007), o luto é o processo de reconstrução, de reorganização diante da morte, desafio emocional e cognitivo com o qual se tem que lidar.

Todo esse processo de perda e luto, para o adulto, que tem um conceito elaborado sobre a morte, é um período permeado de conflitos e sentimentos angustiantes. E para a criança que vive em contato com lúdico, onde tudo é reversível, inclusive a morte, como reage a um desvínculo e como vivencia o luto?

Na sociedade contemporânea, que prima pelo indivíduo socialmente ativo e pela produtividade, falar de morte para a criança tornou-se um assunto restrito. Na ocasião de uma perda, na tentativa de proteger a criança, geralmente a atitude do adulto é explicar para a criança, através de metáforas, o fato ocorrido. Entretanto, segundo Torres (*apud* NUNES et al., 1998) essa negação ou este silêncio em torno da morte em nada ajudam no desenvolvimento da criança.

Pesquisas mostram que a criança sofre perdas significativas para ela desde bebê, perdas que vão do desmame ou um animal de estimação, até um brinquedo do qual gosta muito. Contudo, esse trabalho refere-se à perda de um ente querido, que tinha uma forte ligação entre a criança, originando-se o desvínculo afetivo.

Desta forma, o objetivo deste trabalho foi relatar, através de uma pesquisa bibliográfica, como a criança reage ao desvínculo e vivencia o luto. Bem como levantar se há consequências na formação de seu psiquismo se esse luto não for bem elaborado.

VÍNCULOS AFETIVOS

O primeiro grande vínculo afetivo vivenciado pela criança é com a mãe. Esse vínculo é iniciado na gestação e depois fortalecido na amamentação e nos cuidados da mãe para com o filho. Winnicott (2008) afirma que o vínculo entre mãe e filho é muito poderoso no início e chama-se amor.

O vínculo do pai com o bebê, conforme Bowlby (*apud* BEE; BOYD, 2011) surge gradualmente, contudo isso não significa que os pais tenham um vínculo afetivo mais fraco, significa apenas que os comportamentos que eles apresentam em relação ao bebê são tipicamente um pouco diferentes do que a mãe apresenta. Porém, de acordo com Feldman (*apud* BEE, 2011) aos seis meses de idade os

bebês têm a mesma probabilidade de mostrar sinais de apego a seus pais quanto suas mães.

Conforme vai evoluindo a maturação cognitiva da criança ela estabelece vínculos com os outros integrantes da família e pessoas próximas.

Aberastury (1992) acredita que ao desprender-se da relação singular com a mãe e vincular-se também com o pai a criança torna-se capaz, através dessa transição, de formar laços com pessoas e objetos cada vez mais variados e numerosos.

De acordo com Augusto, Costa e Paladino (1991) para um bom desenvolvimento psicológico a criança deve manter vínculos afetivos com crianças de ambos os sexos, que lhe possibilitem uma identificação com o mesmo sexo e um entendimento e integração com pessoas do outro.

Acumulam-se evidências de que seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de desenvolver melhor seus talentos quando estão seguros de que, por trás deles, existem uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades. (BOWLBY, 2006, p. 139).

Bowlby (2006) ressalta ainda a necessidade de uma figura de ligação, ou seja, a pessoa em quem se confia e que a partir representará um modelo do qual poderá atuar.

Essa figura de ligação não se aplica somente às crianças, porém durante os primeiros anos de vida é que essa necessidade fica mais evidente e, segundo Bowlby (2006), quanto mais experiência de interação social um bebê tiver com uma pessoa, maiores são as probabilidades de que ele se ligue a essa pessoa.

O vínculo afetivo, construído a partir da figura de ligação é permeado por fortes sentimentos, de modo que o rompimento desse vínculo, como argumenta Bowlby (2006) é uma situação passível de suscitar medo e ansiedade e compara que a ansiedade em torno da separação involuntária de uma figura de ligação assemelha-se à ansiedade que o comandante de uma força expedicionária sente quando as comunicações com a sua base são cortadas ou ameaçadas.

A CRIANÇA, A PERDA E O LUTO

Para pensar o desenvolvimento intelectual da criança, Piaget (2004) elaborou a sua teoria que tinha como questão central explicar como o sujeito conhece e concebe o mundo. De acordo com Nunes et al. (1998), Piaget conceituou o

desenvolvimento como um processo de equilibração¹ progressiva, que tende a formas cada vez mais aperfeiçoadas até a aquisição do pensamento operacional.

Para definir essas interações progressivas no desenvolvimento infantil, Piaget (2004) dividiu esse desenvolvimento intelectual da criança em estágios ou períodos, que são: Período Sensório motor (0 a 24 meses), Período Pré-Operacional (2 a 7 anos), Período das Operações Concretas (7 a 11 anos) e Período das Operações Formais (12 anos).

Ao longo de sua vida, Piaget observou que existem formas diferentes de interagir com o ambiente nas diferentes faixas etárias. A estas maneiras típicas de agir e pensar, Piaget denominou estágio ou período. Assim sendo, podemos dizer que a determinadas faixas etárias correspondem determinados tipos de aquisições mentais e de organização destas aquisições que condicionam a atuação da criança em seu ambiente. A criança irá, pois, à medida que amadurece física e psicologicamente, que é estimulada pelo ambiente físico e social, construindo sua inteligência. (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981, p. 63).

Na teoria piagetiana, no Período das Operações Concretas (7 a 11 anos), a criança parte do pensamento ligado à percepção para o pensamento concreto. É também nessa fase, segundo Wadsworth (1997), que ela adquire um raciocínio sobre o conceito de reversibilidade, no qual a criança tem a capacidade de reverter mentalmente um tipo de raciocínio, ou seja, partir de um determinado ponto e voltar a ele fazendo uma operação inversa.

Partindo desse conceito de reversibilidade que a criança adquire no Período das Operações Concretas, entende-se então que a criança nessa fase compreende também o conceito de irreversibilidade da morte. Ela precisa desse pressuposto para compreender a morte como um acontecimento permanente e irreversível.

Entretanto, ressalta-se que a cultura em que a criança está inserida, dentre outros fatores, pode influenciar na idade e no período em que ela pode adquirir esse conceito.

Estudos psicanalíticos, através do trabalho com crianças, mostraram que estas sofrem o luto e, mesmo que ainda não consigam verbalizar, em razão de seu nível de desenvolvimento cognitivo, já são capazes de perceber o que acontece à sua volta, inclusive a morte, conforme referem Domingos e Maluf (2003). Bowlby

¹ Termo criado por Piaget, processo de equilibração é o que proporcionará a concretização do novo conhecimento, no qual o indivíduo buscará esquemas cognitivos para uma estabilidade nas informações advindas de sua exploração na realidade. A base do processo de equilibração está na assimilação e na acomodação. (BAMPI, 2006).

(2006) afirma que tal como os adultos, bebês e crianças pequenas que perderam uma pessoa amada sentem pesar e passam por períodos de luto.

Compreende-se que mesmo não possuindo maturação cognitiva e intelectual para entender o conceito de morte como algo irreversível, a criança percebe a perda e sofre com isso inclusive, segundo Aberastury (1992) ela pode simbolicamente mostrar essa percepção através de jogos e desenhos expressivos.

Das experiências vivenciadas por uma criança, a morte de uma pessoa com qual ela possui um vínculo afetivo, é a mais impactante. Porém, falar de morte na contemporaneidade tornou-se o grande tabu da humanidade.

Mas, essa reação dos adultos em omitir determinados assuntos das crianças no sentido de protegê-las nem sempre aconteceu. Até época relativamente próxima ao século XX, segundo Bee (2003), as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, pois a partir de três a quatro anos participavam das mesmas atividades que um adulto, como, orgias, enforcamento em praça pública entre outras.

Essa preocupação pelo estudo do desenvolvimento infantil, surgiu por meio de uma estratégia política francesa, dando origem ao chamado sentimento de paparicação. A igreja então afasta as crianças de assuntos considerados inadequados à formação do caráter do caráter e da moral dos indivíduos. (BEE, 2003).

No entanto, essa preocupação em omitir determinados assuntos das crianças, como a morte, por exemplo, pode trazer-lhe prejuízos no seu desenvolvimento.

O adulto, em geral, não só adota a atitude de negar a explicação sobre a morte, como também tenta, muitas vezes, afastá-la magicamente. Com esse procedimento, procura minimizar o significado que a morte pode ter como uma força ativa no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. Entretanto, essa negação ou este silêncio em torno da morte em nada ajudam no desenvolvimento da criança. Ao contrário, quando se tenta manter esta atitude geral de negação, o crescimento da criança é prejudicado. (TORRES *apud* NUNES; CARRARO, 1998, p. 3).

Um meio importante de ajudar as crianças a desenvolverem uma perspectiva sobre a perda, como afirma Hart (1998) é permitir que falem sobre ela. Isso ajuda a esclarecer o que estão pensando. Quando sofremos temos que falar sobre a perda, a fim de reviver as experiências e saborear as emoções do passado. A criança tem a morte como uma vilã e ela precisa entender que morrer faz parte do curso natural da

vida, por isso a lembrança dos bons momentos passados com a pessoa que morreu ajuda a dissipar esses sentimentos angustiantes.

Ao esconder da criança o verdadeiro sentido da morte, o adulto tem por objetivo evitar o sofrimento da mesma, porém, é esse sofrimento que poderá ajudá-la a elaborar seu processo de luto.

Não é bom tentar remover os sentimentos penosos da criança? Na verdade não. Os sentimentos servem a um objetivo importante no processo de cura. O sofrimento não desaparece, ele apenas torna mais longa a tarefa do ajuste, forçando a tristeza a manter-se na retaguarda. Por não estar na superfície, esse sofrimento enterrado pode provocar muito mais estragos do que o que aparece e é facilmente reconhecido. Quando uma criança é impedida de expressar seu sentimento, especialmente por uma perda, o importante processo de luto é detido. (HART, 1998, p. 89).

Considera-se que há uma forte evidência de que o nível de desenvolvimento cognitivo e a capacidade de conceituar a morte estejam paralelos para a criança, porém Torres (*apud* NUNES et al., 1998) afirma que é preciso respeitar, tanto quanto possível, sua capacidade de abstração do tema.

Antes de abordarmos algum tema com a criança, é preciso que se investigue a concepção que ela tem sobre o assunto. Somente quando há esse conhecimento, pode-se saber como a criança traduzirá, em termos subjetivos, o que lhe for apresentado. Logo, o conhecimento da concepção que a criança tem da morte pode fornecer pistas daquilo que ela é capaz de compreender nas diferentes etapas do desenvolvimento. (BRUNER *apud* NUNES et al., 1998).

Existem muitos sentimentos que permeiam a vida da criança após a perda. Dentre esses sentimentos, segundo Bowlby (2006), os mais intensos e perturbadores são o medo de ser abandonado e o sentimento de culpa, a saudade da figura perdida e raiva por não reencontrá-la.

Afetos que estão associados, por um lado ao anseio de buscar a figura perdida e, por outro, a uma tendência para recriminar furiosamente quem quer que pareça ser o responsável pela perda ou estar dificultando a recuperação da pessoa que está perdida. (BOWLBY, 2006 p. 128).

No entanto, esses sentimentos fazem parte do processo normal do luto, quanto mais forem expressos, há menos probabilidade dessa perda se transformar em algo patológico. Para Bowlby (2006) não raramente a criança não expressa nenhuma emoção à morte de uma pessoa querida, porque foi dada a ela pouca ou nenhuma informação sobre esse acontecimento, ou mesmo que seja informada, não

lhe é dada a oportunidade de expressar seus sentimentos e emoções, ou mesmo de fazer perguntas sobre o fato.

Melanie Klein (1996) afirma que a criança terá um desenvolvimento mental benéfico e profundo se for orientada de forma franca e honesta quando a mesma questionar sobre o assunto.

Como visto anteriormente o luto é um período subsequente à perda que Franco e Mazorra (2007) definem como um processo de reconstrução, de reorganização diante da morte, desafio emocional e cognitivo com o qual ela tem de lidar. É por meio do luto que o sujeito poderá, de certo modo, adaptar-se à perda.

Freud (*apud* EDLER, 2008) em sua obra “Luto e Melancolia”, afirma que o luto é a reação à perda de uma pessoa amada. É um trabalho de elaboração que pode ser bem ou malsucedido.

Nessa mesma obra Freud (*apud* EDLER, 2008) descreve que um trabalho de luto bem sucedido começa com a chamada prova da realidade, com a constatação de que houve a perda. É através disso que o sujeito se conscientiza que o ente querido não existe mais e como consequência desliga-se dessa pessoa.

Bowlby (2006) chama de “*pesar*” esse período que envolve toda a gama de processos que entram em ação quando a criança sofre a perda, segundo o autor é um termo muito utilizado por analistas, pois as crianças ficam *pesarosas* com a separação.

O luto não é um processo rápido e nem fácil, requer uma elaboração complexa para quem sofre a perda além de causar sofrimento, pois desvincular-se de quem se ama é muito doloroso.

A perda de objetos que amamos lança o sujeito na condição de sofrimento. Mas por outro lado o sujeito reluta e chega mesmo a se opor à idéia de afastar-se de um objeto amado que perdeu. Isso quer dizer que a elaboração do luto dá trabalho, implica um gasto energético significativo, consome tempo, e, durante esse tempo, a existência do objeto perdido é prolongada no psiquismo. (EDLER, 2008, p. 43).

Com as crianças o trabalho de luto ainda é mais complicado, pois fatores como as circunstâncias em que ocorreu a morte, a reestruturação da família e o que lhe foi dito sobre essa morte pode influenciar na elaboração do luto.

Toda criança tem dificuldade de elaborar a perda de um objeto amado, principalmente aquele do qual depende, pois seu psiquismo ainda está em desenvolvimento, e ela necessita das pessoas que garantem sua

sobrevivência física e desenvolvimento emocional. (SCALOZUB *apud* FRANCO; MAZORRA, 2007).

Como visto, no processo de elaboração de luto da criança, é importante que ela expresse seus sentimentos. Para isso falar sobre o que aconteceu, de forma que ela possa entender, respeitando seu nível cognitivo e sua capacidade de abstração, é imprescindível.

No entanto, a criança tem dificuldade em expor e nomear seus sentimentos, por isso, uma das formas de se expressar é através do mundo lúdico. Aberastury (1992) relata que ao brincar a criança desloca para o exterior suas angústias e problemas internos, dominando-os por meio da ação. No brinquedo a criança tem a possibilidade de expressar seus conflitos.

Então pode-se afirmar que a criança sofre o luto, porém ela tem um modo muito próprio de elaborá-lo, segundo Franco e Mazorra (2007) a versão do luto infantil não é deficiente ao luto do adulto. Tem características específicas, haja vista que a criança esta em processo de desenvolvimento de sua personalidade. Seria então equivocado impor à criança o modelo de luto do adulto.

O LUTO NA INFÂNCIA E SUAS POSSÍVEIS CONSEQUENCIAS PSÍQUICAS

A elaboração do luto contribui para atenuar os efeitos decorrentes da perda e conforme foi citado na seção anterior, Edler (2008) afirma que o luto é um trabalho de elaboração que pode ser bem ou malsucedido.

O luto é um trabalho complexo, que envolve sentimentos ambivalentes e respostas que para uma criança muito pequena, segundo Winnicott (1999) é difícil seguir.

Franco e Mazorra (2007) afirmam que devido a essa dificuldade cognitiva e emocional da criança em significar a perda, a elaboração do luto é processada ao longo da estruturação psíquica, em distintos momentos de sua vida, à medida que ela vai podendo significar o que viveu.

Para que o luto, segundo Bowlby (2006), leve a um resultado favorável e não desfavorável, é necessários que a pessoa que sofreu a perda expresse, mais cedo ou mais tarde, seus sentimentos e emoções.

Para as crianças, muito mais do que para os adultos, como afirma Bowlby (2006) é muito difícil apreender inteiramente que alguém muito próximo está morto e nunca mais voltará.

Para Bowlby (2006) as crianças não só se afligem com a separação, como o pesar delas é frequentemente muito mais demorado do que se supõe e para a criança recuperar-se da perda sofrida, ela precisa de alguém de sua confiança que lhe dê assistência. Nessas circunstâncias pode-se esperar que a criança aceite a perda como sendo irremediável e reorganize sua vida interior de acordo com isso.

Como já mencionado anteriormente, há semelhanças básicas entre a reação do adulto e da criança em relação à perda, de acordo com Bowlby (2006).

Bowlby (2006) afirma que na elaboração do luto, nem sempre se percebe um sentimento de raiva, esse sentimento é tido como uma resposta imediata à perda, isso é comum e talvez invariável. Esse sentimento de raiva faz parte da reação de pesar e consiste em reforçar o ímpeto dos esforços para reaver a pessoa perdida ou então dissuadi-la de uma nova deserção.

Esse sentimento de raiva para Bowlby (2006) pode ser inclusive direcionado à pessoa perdida, é um sentimento inofensivo e longe de ser patológico.

Longe de ser patológica, as provas sugerem que a expressão manifesta desse impulso irresistível, por mais fora da realidade e inútil que seja, é uma condição necessária para que o luto siga um curso saudável. Somente depois que todos os esforços foram feitos para reaver a pessoa perdida é que, segundo parece, o indivíduo adquire um estado de ânimo capaz de fazê-lo admitir a derrota e de reorientá-lo para um mundo em que a pessoa amada é aceita como irreparavelmente ausente. (BOWLBY, 2006 p. 77).

Bowlby (2006) ainda afirma que esse protesto de exigência raivosa do retorno da pessoa é uma recriminação contra ela por ter desertado, faz parte do processo de perda, especialmente quando se trata de uma perda súbita e esse tipo de resposta à perda pode partir tanto de um adulto como de uma criança e como já foi referido essa reação proveniente da perda é considerada saudável.

Os principais elementos que constitui o luto patológico, de acordo com Bowlby (2006) é a incapacidade em expressar abertamente as reações e impulsos provenientes da perda, a fim de reaver e recriminar a pessoa perdida, com toda a saudade e raiva que esses impulsos implicam. No luto patológico esses sentimentos são reprimidos e então passam a influenciar o comportamento de modo estranho e distorcido.

O que pode impedir a criança de elaborar um luto saudável é todo o silêncio que as pessoas próximas fazem em torno de uma morte. É esse silêncio que pode dificultar a criança a expressar seus sentimentos.

Winnicott (1999) pondera que a simples informação a respeito do fato pode, às vezes, fazer com que a criança se torne capaz de desenvolver todo o processo de luto.

Para Edler (2008) as diferentes modalidades de reações à perda, podem precipitar vários tipos de perturbações psíquicas. Se algumas pessoas aceitam a perda e, depois de um certo tempo de luto, superam a dor e seguem suas vidas, outras são incapazes de elaborar essa perda. Outras ainda podem elaborar apenas parcialmente a perda e outras que elaboram com sucesso algumas perdas, mas em determinado momento se deparam com uma perda mais difícil de ser elaborada.

Bowlby (2006) afirma que as pessoas que padecem de distúrbios psíquicos – psiconeuróticos, sociopáticos ou psicóticos - manifestam sempre uma deterioração em estabelecer ou manter vínculos afetivos. Embora essa não seja a única adversidade que o meio ambiente pode apresentar em determinada situação, os estudos de Bowlby (2006) mostram que as possíveis causas de doenças psíquicas podem ser a ausência de oportunidade para estabelecer vínculos ou as prolongadas e rupturas de vínculos afetivos.

Contudo, Winnicott (1999) argumenta que a tendência anti-social não é um diagnóstico, não está relacionada a outros termos diagnósticos como neurose e psicose. A tendência anti-social pode ser encontrada tanto num indivíduo normal como num indivíduo neurótico ou psicótico.

Winnicott (2005) estudou o comportamento antissocial das crianças e sua teoria diz que esses comportamentos surgem a partir da perda de algo que o indivíduo registra como algo que lhe pertencia e lhe foi retirado.

Portanto, a perda e, conseqüentemente, o luto na infância podem ser o passaporte para um quadro psíquico complexo.

Quando existe uma tendência anti-social, houve um verdadeiro desapossamento; (não uma simples carência); quer dizer, houve perda de algo bom que foi positivo na experiência da criança até certa data e lhe foi retirado; a retirada estendeu-se por um período maior do que aquele em que a criança pode manter viva a lembrança da experiência. A descrição abrangente da privação inclui o antes e o depois, o ponto exato do trauma e a persistência da condição traumática e também o quase normal e o claramente anormal. (WINNICOTT, 1999, p. 139-140).

O psicopata (ou sociopata), segundo Bowlby (2006) é uma pessoa que embora não seja subnormal, realiza persistentemente atos contra a sociedade,

crimes, atos contra a família e contra a própria pessoa, toxicomania, suicídio ou tentativa de suicídio, abandono repetido de emprego.

Em tais pessoas, a capacidade de estabelecer vínculos afetivos é desordenada e, não raro ausente e também observa-se no comportamento do psicopata uma certa conduta anti-social

De acordo com Bowlby (2006) há uma grande evidência de que a infância dessas pessoas foi seriamente perturbada pela morte, ausência ou separação dos pais, ou outro motivo que pode ter sido resultado em ruptura do vínculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é um fenômeno que faz parte do curso natural da vida. No entanto, perder alguém é uma experiência muito dolorosa. Bowlby (2006) descreve que a formação de um vínculo é apaixonar-se, a manutenção do vínculo é amar alguém e a perda do vínculo é sofrer por alguém.

A criança, mesmo pequena, pode perceber a perda de um vínculo afetivo, mas ela precisa ter uma maturação cognitiva e intelectual para entender o conceito de morte.

O luto é um mecanismo complexo, porém é considerado natural. É a elaboração do luto que permitirá a adaptação, a reorganização após a perda.

A criança a partir de seu desenvolvimento cognitivo e intelectual tem capacidade para a elaboração desse luto, desde que ela tenha acesso às experiências desse momento. A família deve ajudar nos momentos de tristeza e incentivar a expressar seus sentimentos, inclusive à culpa e raiva e outros afetos negativos, que são considerados normais nesse processo de luto.

Para elaborar o luto a criança tem um modo muito próprio para viver esse processo, pode inclusive expressar-se através de brincadeiras.

Se o luto não for bem elaborado, ele pode tornar-se patológico, no entanto, se ele for bem sucedido, pode dar condições à criança para enfrentar novos lutos que poderão surgir em sua vida.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

- AUGUSTO, M. G. F.; COSTA, M.; PALADINO, S. M. **As crianças querem saber... E agora?** Orientação para pais e professores sobre a sexualidade infantil de 3 a 8 anos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.
- BAMPI, M. A. M. O método clínico experimental de Jean Piaget como referência para o conhecimento do pensamento infantil na avaliação psicopedagógica. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicopedagogia) Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Florianópolis. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/edinf02.htm>>. Acesso em: 10 out. 2011.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BEE, H.; BOYD, D. **A criança em desenvolvimento**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BOWLBY, J. **Formação e rompimento de vínculos afetivos**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DOMINGOS, B.; MALUF, M. R. Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. *Psicologia USP*, v. 16, n. 3, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000300016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 maio 2011.
- EDLER, S. **Luto e melancolia: à sombra do espetáculo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- FRANCO, M. H. P.; MAZORRA, L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Laboratório de estudos e Intervenções sobre o luto PUC SP*, v. 24, n. 4, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000400009&lng=pt>. Acesso em: 14 maio 2011.
- HART, A. D. **Ajudando os filhos a sobreviverem ao divórcio**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.
- KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos 1921-1945**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- NUNES, D. C.; CARRARO, L.; JOU, G. I.; SPERB, T. M. As crianças e o conceito de morte. *Psicologia, Reflexão e Crítica*. v. 11, n. 3, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 maio 2011.
- PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2004.
- RAPPAPORT, C.R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. **Psicologia do desenvolvimento: conceitos fundamentais**. São Paulo: EPU, 1981.
- WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.
- WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ZAVASCHI, M. L. S.; SATLER, F.; POESTER, D.; VARGAS, C. F.; PIAZENSKI, R.; ROHDE, L. A. P.; EIZIRIK, C. L. Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 24, n. 4, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 maio 2011.